

**FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS
BEATRIZ NASCIMENTO LOCATEL
FERNANDA CRISTINA DE PAULA
JULIANA VETUCCI FONSECA
LALESCA AMANDA CHAVES
LORRAINE DOS SANTOS CALEGARI**

**PAPEL DO INTÉRPRETE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO
ALUNO COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA**

**FERNANDÓPOLIS - SP
2023**

**BEATRIZ NASCIMENTO LOCATEL
FERNANDA CRISTINA DE PAULA
JULIANA VETUCCI FONSECA
LALESCA AMANDA CHAVES
LORRAINE DOS SANTOS CALEGARI**

**PAPEL DO INTÉRPRETE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DO
ALUNO COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA**

Artigo científico apresentado como exigência parcial para obtenção do título de licenciado em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Fernandópolis, sob orientação do Prof. Me. Fernando de Souza Costa

**FERNANDÓPOLIS - SP
2023**

RESUMO

Introdução: O Intérprete de LIBRAS atua como um mediador entre o aluno surdo e o professor. Seu papel em sala de aula é traduzir da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais. Ele deve estar atento na hora de transferir o conteúdo e dúvidas e tornar possível a participação do aluno em todos os contextos, de forma a auxiliá-lo no seu processo de ensino e aprendizagem. Esse profissional é aquele que conhece a língua de sinais utilizada no país e é qualificado como intérprete. **Objetivo:** Este trabalho tem como objetivo falar sobre o intérprete de LIBRAS e do seu papel no processo de ensino e aprendizagem, abordar o seu trabalho junto ao aluno com deficiência auditiva, mostrar os métodos de ensino que podem ser trabalhados e falar da importância do intérprete e a interferências do convívio dos alunos com deficiência auditiva no ambiente escolar. **Metodologia:** A pesquisa contará com o método quantitativo fundamentado no positivismo de Comte (observação dos fenômenos), assegurando que as análises de resultados mensuráveis deem maior sustentabilidade às pesquisas, uma vez que se contestam resultados ambíguos, dando maior credibilidade às informações. **Resultados e Discussão:** Os resultados obtidos por meio das pesquisas e dos questionários mostraram que o intérprete de LIBRAS é de extrema importância, pois sem a sua presença o aluno surdo¹ não conseguiria assimilar os conhecimentos e conteúdos transmitidos pelo professor ouvinte em sala de aula. **Conclusão:** Os alunos com deficiência auditiva aprendem de maneiras diferentes e faz-se necessária uma metodologia que contribua com esta forma visual de comunicação que também esteja ligada a cultura. Com isso o intérprete tem a função de traduzir o que o professor passa para o aluno, e não de ensiná-lo. Abordar o tema deste trabalho se faz necessário para além de falar da necessidade do intérprete em sala de aula, também promover a inclusão nas escolas.

Palavras – chave: Libras, Intérprete, Ensino e aprendizagem.

ABSTRACT

Introduction: The LIBRAS Interpreter acts as a mediator between the deaf student and the teacher. Your role in the classroom is to translate from Portuguese to Sign Language. He must be attentive when transferring content and doubts and make it possible for the student to participate in all contexts, in order to assist him in his teaching and learning process. This professional is someone who knows the sign language used in the country and is qualified as an interpreter. **Objective:** This work aims to talk about the LIBRAS interpreter and his teaching and learning process, address his work towards students with hearing impairment, show the teaching methods that can be worked on and talk about importance of the interpreter and the interference of students with hearing impairment in the school environment. **Methodology:** The research will rely on the quantitative method substantiate on positivism for a long time, ensuring that the analysis of measurable results would give greater sustainability to the research, since ambiguous results were contests, giving greater credibility to the information. **Results and Discussion:** The results obtained through research and questionnaires showed that the LIBRAS interpreter is extremely important, as without their presence the deaf student would not be able to assimilate the knowledge and content transmitted by the hearing teacher in the classroom. **Conclusion:** Students with hearing

¹ Esse termo: “Aluno surdo ou pessoa surda”, é uma expressão utilizada pela comunidade surda e aceita por eles como sendo o modo correto de se identificarem e participarem na sociedade. Já em contrapartida o termo “deficiente auditivo” é uma forma técnica de se referir ao indivíduo surdo na sociedade em geral e aceita pelo Ministério da Saúde e OMS (Organização Mundial da Saúde).Então no texto em alguns momentos serão apresentados essas expressões.

impairment learn in different ways and a methodology is needed that contributes to this visual form of communication that is also linked to this culture. Therefore, the interpreter has the function of translating what the teacher tells the student, and not of teaching him. Addressing the topic of this work is necessary, in addition to talking about the need for interpreters in the classroom, to also promote inclusion in schools.

Keywords: Libras, Interpreter, Teaching and learning

1 – INTRODUÇÃO

É importante ressaltar que a presença do intérprete de LIBRAS em sala de aula tem o intuito de tornar os conteúdos passados no dia a dia escolar acessíveis ao estudante surdo, deste modo o intérprete possui a função de traduzir o conteúdo para que sejam compreensíveis e que tenham sentido para o aluno surdo no seu desempenho de ensino e aprendizagem.

A língua é o principal meio de desenvolvimento do processo cognitivo do pensamento ligado ao ser humano, já que a presença de uma língua é considerada fator indispensável ao desenvolvimento dos processos mentais.

Caracterizamos a deficiência auditiva como a perda total ou parcial da audição que prejudica o desenvolvimento social da pessoa. Assim se faz necessário a inserção escolar, que deve garantir a conformidade de acesso à informação para todos os alunos, incluindo os estudantes com deficiência, equipar as salas de aula com recursos visuais, disponibilizar acesso dos alunos surdos a informações que os ajudem efetivamente a melhorar seus conhecimentos, e assim ultrapassar barreiras à surdez, facilitando o seu ensino e aprendizagem.

A profissão do intérprete de LIBRAS é regida pela Lei 12.319/2010, e o profissional terá competência de realizar interpretação das duas línguas de maneira simultânea ou consecutiva, e conhecimento e proficiência em tradução e interpretação da LIBRAS e da Língua Portuguesa.

A surdez e suas limitações necessitam de recursos que possam ajudar os estudantes com deficiência auditiva em seu processo de aprendizagem escolar, no seu convívio e na sua trajetória de vida. Dessa forma o papel do intérprete de LIBRAS é de extrema importância para a tradução dos conteúdos dos quais o aluno com surdez não tem o domínio eficaz na segunda língua.

Estudar e conhecer a LIBRAS é uma forma que permite a possibilidade de apresentar ao mundo que essa pessoa surda é capaz de realizar atividades como qualquer outra pessoa que se intitule como “normal”, e participar ativamente no processo de inclusão dos alunos se torna um dos meios mais eficazes que contribuem para que de fato os alunos se sintam inclusos no ambiente escolar, desenvolvendo seu ensino e aprendizagem, conseqüentemente externando isso além do ambiente educacional.

Um intérprete educacional é aquele que atua como intérprete de língua de sinais em sala de aula e no ambiente escolar, ou seja, ele atua como um intérprete no ensino e deve, mediar a relação entre o aluno surdo e os colegas e professores ouvintes.

O intérprete de LIBRAS, que trabalha com crianças com deficiência auditiva, deve sempre respeitar o contexto da escola e estar ciente de todos os seus deveres, responsabilidades e papéis como profissional.

Contudo, a presença do aluno com deficiência auditiva inserido em sala de aula exige que o professor desenvolva estratégias e metodologias de ensino que sejam adequadas à sua forma de aprendizagem, beneficiando o processo de ensino e aprendizagem do aluno e transmitindo segurança no seu aprendizado.

No decorrer deste trabalho de conclusão de curso são apresentados métodos que auxiliam no processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo, tais como o oralismo, a comunicação total, o bilinguismo, dentre alguns outros métodos utilizados.

A presença e atuação do Intérprete de LIBRAS em sala de aula, é algo indispensável, pois a inclusão do aluno surdo só se efetivará com a presença de um profissional habilitado para auxiliar o aluno surdo no seu dia a dia escolar e no seu processo de aprendizagem.

2 – CONCEITOS DE INTÉRPRETE E ENSINO – APRENDIZAGEM

2.1 – Conceito de intérprete

No contexto educacional de inclusão dos surdos, surge o importante papel do intérprete de LIBRAS.

Ser Intérprete de Língua de Sinais é muito mais do que ser identificado pela língua que fala, muito mais do que estar presente nas comunidades surdas ou ainda estabelecer um elo entre mundos linguísticos diferentes. Ser Intérprete é conflitar sua subjetividade de não surdo e surdo, é moldar seu corpo a partir da sua intencionalidade, reaprender o universo do sentir e do perceber, é uma mudança radical onde a cultura não é mais o único destaque do ser. (OLIVEIRA et al, 2019 p. 396-397)

A profissão intérprete, se designa para o indivíduo que compreende e pode realizar a tradução simultânea de duas ou mais línguas. No Brasil, é essencial que o mesmo conheça o Português, além das LIBRAS, Língua Brasileira de Sinais, língua natural para pessoas com deficiência auditiva, o foco desse trabalho.

Os intérpretes profissionais direcionados para a área da educação, devem também receber treinamentos específicos pedagógicos, para que seu trabalho seja feito de forma

eficiente e o profissional consiga repassar todas as explicações da aula, feitas pelo professor, para o aluno surdo, que se vê, sob sua responsabilidade de interpretação.

No decorrer do ano de 2002, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e o profissional que faz essa tradução foram reconhecidos no cenário Brasileiro, após a Lei nº10.436, que reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão dos surdos.

No processo de instauração da Língua de Sinais, percebeu-se a necessidade de regulamentar e normatizar a forma de trabalho do profissional de libras, com o sistema de ensino e educação no Brasil. Assim, com o Decreto nº 5.626.12/05, foi possível garantir que todos os alunos surdos possam receber o auxílio de um profissional de LIBRAS.

O papel do intérprete, segundo Quadros (2006), é realizar a interpretação da língua falada para a língua sinalizada e vice-versa, observando os seguintes preceitos éticos:

- a) Confiabilidade (sigilo profissional);
- b) Imparcialidade (o intérprete deve ser neutro e não interferir com opiniões próprias);
- c) Discrição (o intérprete deve estabelecer limites no seu envolvimento durante a atuação);
- d) Distância profissional (o profissional intérprete e sua vida pessoal são separados);
- e) Fidelidade (a interpretação deve ser fiel, o intérprete não pode alterar a informação por querer ajudar ou ter opiniões a respeito de algum assunto; o objetivo da interpretação é passar o que realmente foi dito).

É imprescindível que para trabalhar com um professor, o intérprete, deve ter um conhecimento prévio do que está sendo ensinado, como é feita a explicação e como é avaliada a aprendizagem. O cenário e as atividades em sala de aula não devem ser apenas interativos com o aluno e o professor, mas também envolver o intérprete, pois o intérprete não é apenas um “facilitador da comunicação”, mas a chave para a comunicação é fixa. A cooperação com o professor deve, portanto, ser gentil o suficiente para atingir os objetivos.

O intérprete que está atuando em sala de aula ainda está em um processo de formação de identidade, já que sua organização enquanto profissional e formação acadêmica ainda não se consolidaram e que ao assumir essa função, segundo o código de ética deverá: manter uma atitude imparcial durante a interpretação, evitando interferências e opiniões próprias. (QUADROS, 2006, p. 29)

Em suma, um tradutor profissional deve ser neutro em seu trabalho, não deve comprometer sua opinião, mas se manter fiel aos ensinamentos passados pelo professor e realizar tradução correta sobre os resultados avaliados ao aluno surdo.

2.2 Conceito de ensino e aprendizagem

Este estudo considerou a realidade das escolas e famílias com o aluno deficiente auditivo, buscando entender quais devem ser os processos de preparação e entendimento sobre o assunto em ambos os cenários, que devem ser parte colaboradora na aprendizagem da criança.

A compreensão deste assunto para as partes reforça a importância desta pesquisa, cujo objetivo principal é identificar e analisar o papel do intérprete no processo de ensino e aprendizagem para alunos com deficiência auditiva, além de relatar quais são as dificuldades de inclusão do deficiente auditivo, enfatizando a necessidade de colaboração entre o professor e o intérprete.

Torna-se necessário construir uma pedagogia específica relacionada à inclusão:

[...] em determinadas circunstâncias, lhes são atribuídas características especiais para dirigir-lhes tratamento, proteção e assistência, (mas ao mesmo tempo), criar ao seu redor uma rede de relações de dominação e de poder, no qual o indivíduo tratado, protegido e assistido é inferiorizado e normalizado por conta de sua a normalização que justifica a criação desta estrutura. (ROSS, 2000, p. 255)

O papel do intérprete é de extrema importância, pois sem a sua presença o aluno surdo não conseguirá assimilar os conhecimentos e conteúdos transmitidos pelo professor ouvinte em sala de aula.

Todo profissional envolvido na aprendizagem do indivíduo surdo deve colaborar e reconhecer o seu papel, entendendo que o aprendizado só será completo quando ambas as partes exercerem com excelência o seu trabalho.

Professores têm a função de transmitir os conhecimentos específicos de maneira clara e objetiva, inserindo o aluno à sua área didática, e testando seus conhecimentos. Já o intérprete, tem a função transcrever, todas as informações faladas para a linguagem de LIBRAS, assim o aluno com deficiência auditiva será incluso à aula e ao ambiente escolar, tendo a possibilidade de aprender o material didático passado pelo professor.

O papel do professor não é apenas ensinar, mas o papel do intérprete é apenas interpretar e intermediar o conhecimento. Lacerda (2006, p. 167) afirma que:

É necessário que haja uma mudança de postura por parte do professor, que também tem o dever, como educador, de auxiliar o intérprete da Língua de Sinais em suas práticas. Se o professor não assumir práticas que favoreçam a atuação do intérprete da Língua de Sinais, conseqüentemente, a compreensão do aluno surdo ficará comprometida.

O fator fundamental nessa realidade é a compreensão de que as diferenças existem e que podem ser físicas, cognitivas, emocionais, entre outras coisas. E isso nos torna únicos e nos leva com essa certeza de entender que a inclusão é uma responsabilidade de todos.

Os professores não podem de forma alguma substituir o intérprete, e o profissional de línguas, também não pode tomar o lugar do educador. Ambos são necessários e essenciais para que o aluno surdo receba a educação adequada, prevista por lei.

3. TRABALHO DO INTÉRPRETE FRENTE AO ALUNO COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

A convocação do Intérprete de LIBRAS e sua participação nos espaços educativos é um benefício para a sociedade em constante evolução, haja visto a relação do seu papel de mediador no ambiente escolar, servindo como um dos apoios iniciais e apresentação do aluno(a) surdo(a) para a vida acadêmica e inclusão na sociedade.

O intérprete precisa negociar conteúdos com o professor, revelar as dúvidas que possui, de acordo o aprendizado do aluno e deve mediar a relação com o mesmo, para adquirir o conhecimento que se busca. O incômodo do professor diante da presença do intérprete em Libras pode levá-lo a ignorar o aluno com deficiência auditiva, atribuindo ao intérprete a aprendizagem ou não por parte do aluno. (BARBOSA, 2011 p. 123)

Uma pesquisa realizada em 2011, que visa entender a realidade de escolas com intérpretes de LIBRAS (VARGAS, 2011) constatou-se que os intérpretes atuavam como professores porque o professor não estava preparado para se comunicar com o aluno com surdez.

Os próprios intérpretes afirmam que tiveram que mudar as explicações do professor para que o aluno surdo pudesse entender o que estava sendo explicado.

Desde o século XVI, há relatos dos primeiros educadores de surdos que usaram diferentes métodos para atingir seus objetivos de trabalho com os alunos. Eles utilizavam apenas a língua falada, outros a língua de sinais ou criavam códigos visuais que não se configuravam como linguagem para facilitar a comunicação com seus alunos (CABRAL, 2017).

Um intérprete que trabalha com crianças com deficiência auditiva deve sempre respeitar o contexto da escola e estar ciente de todos os seus deveres, responsabilidades e papéis como profissional que respeita a hierarquia da sala de aula, onde o professor é autoridade máxima.

Destaca-se que para que a participação do aluno surdo seja realmente satisfatória sendo inserido dentro de uma sala de aula, é importante que, além do intérprete em LIBRAS, a aula inclua outros métodos como materiais didático-pedagógicos para um trabalho concreto e eficaz no seu processo de aprendizado.

Ainda assim, se o intérprete em LIBRAS obtiver dúvidas ou não entender o conteúdo passado pelo professor, é certo pedir ao mesmo para explicar o conteúdo novamente para que não interfira no aprendizado do aluno.

A presença do intérprete de língua de sinais é imprescindível para o ingresso de surdos usuários de língua de sinais em meio a sala de aula, desde que seja formada uma equipe entre o professor e o profissional de LIBRAS com frente única ao aprendizado.

Para Lacerda (2011), a atuação do profissional Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais traz para a sala de aula, além da língua do deficiente auditivo, sua cultura Libras com a qual trabalha a sua própria identidade.

Souza (2017) relata por meio de seus estudos que, muitos surdos sobrevivem à sombra e da sobra daquilo que seus fiéis intérpretes conseguem repassar como conhecimento, já que os professores desconhecem a língua e como educar seus alunos surdos.

4. MÉTODOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

A aquisição de uma segunda língua é essencial quando se trabalha com alunos com deficiência auditiva, pois a língua de sinais é visual e gestual e requer exploração da estrutura gramatical e buscar enfatizar metodologias e práticas no campo visual espacial para esses alunos. De acordo com a temática, serão analisados quais métodos de ensino possuem a melhor referência para facilitar o ensino do professor e o aprendizado do aluno.

Vale ressaltar que a presença do aluno com deficiência auditiva inserido em sala de aula exige que o professor desenvolva estratégias e metodologias de ensino que sejam adequadas à forma de aprendizagem.

Observam-se que os alunos com deficiência auditiva aprendem de maneiras diferentes e faz-se necessária uma metodologia que contribua com esta forma visual de comunicação que também esteja ligada a esta cultura.

Faz-se necessário que a criança consiga transmitir ao professor, por meio da língua que conhece, a sua percepção e compreensão do mundo, para que este a oriente passo a passo estabelecendo uma relação entre a língua gestual e o português como língua em que fala é falado.

Ao longo do percurso educacional do deficiente auditivo, foram destacadas três correntes metodológicas, que de acordo com Nascimento (2018), são: Oralismo, Comunicação Total e Bilinguismo. A corrente que é mais discutida e introduzida nas redes de ensino é o Bilinguismo, que se caracteriza em uma proposta de educação para surdos. Ela promove o aprendizado através de duas línguas: a língua portuguesa (escrita) e língua brasileira de sinais (LIBRAS), que se faz necessária para a inclusão dos surdos.

4.1 Oralismo

O oralismo coloca a fala em primeiro lugar, é todo trabalho que visa reabilitar o deficiente auditivo, ou seja, aproximá-los do ouvinte. A ideia é fazer com que falem como se fossem ouvintes, embora sem a mesma fluência ou entonação, para que possam ser ensinados a partir daí.

A língua de sinais não pode ser entendida apenas como um código de comunicação, ela é um sistema completo, e o que vemos em ação é a sobreposição, a compreensão equivocada de que o alfabeto manual é LIBRAS, que cria a ideia de que a adaptação basta, para que a atividade seja bilíngue. (VIEIRA, 2014, p.76)

“Como consequência das práticas oralistas, os indivíduos com deficiência auditiva não aprenderam a falar. Conseguiram pronunciar apenas algumas palavras que eram repetidas de forma mecânica sem saber o que elas realmente significavam”. (STREIECHEN, 2012, p. 17)

A educação oral requer uma ampla contribuição da criança, da família e da escola. Então o Oralismo caracteriza-se em fazer com que a criança receba a linguagem oral através da leitura orofacial e à amplificação sonora, enquanto se expressa por meio da fala.

4.2 Comunicação total

Já a comunicação total é a utilização de inúmeros recursos linguísticos, como a língua de sinais; a linguagem oral; os códigos manuais etc. Todos facilitam a comunicação com os

deficientes auditivos, e promovem a comunicação e a interação entre as línguas orais e sinalizadas.

De acordo com o autor Silva (2016), a Comunicação Total valoriza a comunicação e a interação. Outro fator interessante nesta filosofia é que a família é respeitada e valorizada, além de mostrar o papel da família na hora de compartilhar valores e significados, defende a utilização de qualquer recurso linguístico, seja a língua de sinais, a linguagem oral ou códigos manuais, para ter facilidade na comunicação com as pessoas.

4.3 Bilinguismo

O bilinguismo é o ensino de duas línguas em um contexto educacional e visto no contexto de um aluno surdo, que se refere ao uso das libras no processo de ensino-aprendizagem do português. A língua de sinais é utilizada pela comunidade surda como meio de expressão e o português é visto por eles em murais, escolas e hospitais, língua falada que tem representação escrita e que é a língua oficial do país onde os deficientes auditivos vivem.

A educação desenvolvida pelo Bilinguismo propõe a valorização da pessoa surda e sua cultura, respeitando a língua de sinais como sua língua materna e aprendizagem da língua portuguesa dominante em seu país, na modalidade escrita.

Como afirma Schubert (2017, p. 37), a inserção das políticas inclusivas, apontam para o bilinguismo na educação e assegura a inclusão dos surdos em instituições onde o professor carece de formação bilíngue, a fim de que o processo de ensino-aprendizagem se efetive.

O aspecto mais flagrante na aquisição de uma língua oral como L2 (segunda língua) pela criança surda e que ela deve adquirir propriedades no nível fonológico e prosódico que seu aparato sensorial auditivo está impedido (ou parcialmente impedido) de aprender. No entanto, a criança surda pode ter acesso à representação gráfica dessas da língua oral. (SILVA et al., 2016 p. 77)

Algumas das dificuldades na aquisição do português para surdos decorrem da estrutura contrastante da LIBRAS. Na gramática, chama a atenção a ausência de artigos e preposições, o uso de frases curtas e as dificuldades na conjugação dos verbos.

Ler e escrever em sinais e em português são processos complexos que envolvem uma série de tipos de competências e experiências de vida que as crianças trazem. As competências gramatical e comunicativa das crianças são elementos fundamentais para o desenvolvimento da leitura e da escrita. (QUADROS, 2006, p. 31)

Há várias influências e questões internas e externas na aquisição da segunda língua.

O bilinguismo inaugura um novo debate na área da surdez, ele defende a primazia da língua de sinais sobre a língua portuguesa, antes aprendida simultaneamente na comunicação total, ou isoladamente no oralismo. Essa primazia, defendida por muitos autores tem por base dois argumentos. Primeiro, a presença de um período crucial para a aquisição da linguagem. Segundo a existência de uma competência inata, na qual para aprender uma língua, bastaria estar imerso em comunidade linguística e receber dela inputs linguísticos cruciais. (SANTANA, 2007, p. 166)

Ao pensar na legislação que garante a educação bilíngue para os surdos, Lei nº 10436/02, que reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como meio legal de comunicação e expressão dos surdos e o Decreto nº 5626/05; a inclusão escolar desses estudantes se torna de fato um direito adquirido pela comunidade surda em geral, sendo uma das grandes conquistas para os mesmos, como pontua Lodi (2021, p. 55):

Na significação dada à educação bilíngue para surdos pelo Decreto, observa-se que a LIBRAS assume papel central, fato que demanda “mecanismos alternativos para a avaliação de conhecimentos expressos em Libras, desde que devidamente registrados em vídeo ou em outros meios eletrônicos e tecnológicos”. [...] no documento da Política de educação Especial, tal educação é caracterizada como “o ensino escolar na língua portuguesa e na língua de sinais... além de haver o ensino da língua portuguesa como segunda língua na modalidade escrita para os alunos surdos”. Assim, de forma contrária ao disposto no Decreto, a Política, ao orientar sobre a educação de alunos surdos, não deixa claro qual língua deverá ser utilizada pelo professor nas salas de aulas inclusivas (língua portuguesa ou LIBRAS), desconsiderando o fato de ser impossível o uso de ambas concomitantemente.

No Decreto nº 5.626 de 22/12/2005, que assegura às pessoas surdas o direito à informação, comunicação e educação. regulamenta a Lei nº 10.436/2002, que Dispõe Sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS em seu capítulo VI, artigo 22 determina-se que organize, para a inclusão escolar da seguinte forma que:

Art. 22. As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio de organização de:

I - Escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

II - Escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa. (Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, JUSBRASIL, 2005, p. 166)

A maioria dos professores que possuem alunos com deficiência auditiva em suas salas de aula devem considerar as práticas bilíngues e lutar pela alfabetização do português como segunda língua. Portanto, é preciso desenvolver estratégias que acolham e enfatizem o contato

com a escrita, com o objetivo de envolver esse grupo, mas sempre com respeito à LIBRAS como uma língua materna.

5. ATENÇÃO DO INTÉRPRETE E A INTERFERÊNCIA NO CONVÍVIO DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA NO AMBIENTE ESCOLAR

A deficiência auditiva é a perda total ou parcial da audição que prejudica o desenvolvimento social da pessoa com deficiência devido a dificuldade de se comunicar em âmbito escolar e social.

As escolas devem garantir a igualdade de acesso à informação para todos os alunos, através de recursos audiovisuais, programas de treinamento e capacitação profissional.

O intérprete educacional de LIBRAS é um dos elementos-chave da aprendizagem de alunos com deficiência auditiva em sala de aula. Por isso deve ser dada uma grande atenção e importância a este profissional que está inserido em sala de aula, e que muitas vezes não tem o suporte necessário que precisa para alfabetização dos alunos.

Deve-se promover a autonomia do aluno surdo e a comunicação entre colegas surdos e ouvintes em função de liderança e interpretação e por meio da comunicação multimodal, que atribui diferentes canais de comunicação para garantir a compreensão dos significados.

O objetivo do Movimento dos Direitos dos Surdos é acabar com a velha sensação de que o deficiente auditivo é um estrangeiro em seu próprio país, porque a comunicação é difícil na hora de ir ao banco, ao médico ou participar de um evento. um relatório "Além dos preconceitos linguísticos e culturais, os surdos têm dificuldades em adquirir novas tecnologias", enfatiza Neiva Aquino, especialista em educação bilíngue e interpretação e ensino de escalas. Os defensores da inclusão reconhecem que as escolas profissionalizantes não oferecem um ambiente adequado para uma aprendizagem significativa. (AMARO, 2006, p. 23)

O intérprete deve ser capaz de discutir o conteúdo com o professor, expor suas dúvidas, questionamentos do aluno e, por vezes, mediar a relação com o aluno para a construção do conhecimento desejado. O papel do mesmo na perspectiva inclusiva envolve atividades específicas de ensino e aprendizagem que não vão além da interpretação de determinados conteúdos em sala de aula.

Os professores têm condições de trabalhar com alunos surdos, mas simplesmente aceitar um aluno em sala de aula e um intérprete não garante a participação, pois as aulas continuarão como estão sem ensino ou uso de métodos que promovam aprendizado desenvolvimento do aluno surdo, por exemplo, trabalhar diferentes recursos visuais.

Uma pessoa que interpreta o que é dito de um idioma de origem para outro idioma de destino. Intérprete de língua de sinais, é a pessoa que traduz de uma determinada língua de sinais para outra língua ou dessa outra língua para uma determinada língua de sinais. (BRASIL, 2004, p. 7)

Os tradutores/ intérpretes em LIBRAS, além de possuírem objeto de linguagem e diferentes formas, também são sujeitos sócio-históricos que contribuem para a difusão de conceitos, pensamentos, ideias, valores, ideologias e signos de coesão sócio-histórica e político-econômica que são excluídos e materializados através da linguagem, mais principalmente sobre línguas e quando se encontram formam uma cultura de pensar que talvez pode os deixar a frente dos outros.

Na concepção estrutural da linguagem, a tradução é vista como um fenômeno transcendente: o tradutor é aquele que vai, com muita habilidade e experiência, transportar, sem contaminar, um texto de uma língua para a outra. Dessa forma, esse enfoque postula que o primeiro deve ser fidelidade do tradutor é para com a obra original e coloca a tradução como atividade linguística marginal, uma cópia, remetendo o tradutor à invisibilidade (neutralidade) do seu trabalho. (ROSA, 2005, p. 102)

A tradução é uma atividade em que se trabalha a construção de sentidos e significados em uma dada língua para substâncias estranhas em relação à língua. Desde o início é uma tarefa difícil que exige muita qualificação e o aprendizado é altamente essencial para alunos surdos, pois não é necessária a presença de um tradutor/intérprete de LIBRAS, considerado não apenas um direito à cidadania, mas um ato de bondade e respeito.

A presença do intérprete não assegura que questões metodológicas, levando em conta a surdez e os processos especiais que são próprios de acesso ao conhecimento sejam considerados, ou que o currículo escolar sofra ajustes para contemplar peculiaridades e aspectos culturais da comunidade surda. (LACERDA, 2000, p. 57)

A responsabilidade do aprendizado do aluno com deficiência auditiva que está inserido na sala de aula deve ser do professor, o intérprete em LIBRAS auxilia no desenvolvimento e facilita a comunicação entre ambos, não isentando o educador de sua responsabilidade com o aprendizado.

6- METODOLOGIA

O presente trabalho vem mostrar a função e os desafios do intérprete, e ela contará com o método quantitativo baseado no positivismo por muito tempo assegurando que a análise de

resultados mensuráveis daria maior sustentabilidade as pesquisas, uma vez que se refutava resultados ambíguas dando maior credibilidade às informações.

Como afirma Creswill (2014, p.89) [...] “em um projeto quantitativo o problema é melhor trabalhado ao entender quais os fatores ou variáveis influenciam um resultado.”

A escolha do tema “O papel do intérprete” foi escolhida através de um projeto de pesquisa onde contará com uma entrevista e um questionário fechado com cinco questões para os intérpretes e para maior conhecimento e desenvolvimento sobre o tema também serão direcionadas cinco questões para alguns alunos surdos sobre o intérprete.

A pesquisa foi realizada e respondida por 16 intérpretes, através de um formulário online. Foi de extrema importância a realização e a contribuição dos intérpretes e dos alunos para a realização desta pesquisa. Um dos entrevistado trabalha na APADAF "A Associação de Pais e Amigos de Deficientes Auditivos", cinco dos intérpretes entrevistado são da cidade de Fernandópolis, um intérprete da cidade de Macedônia -SP, dois intérpretes da cidade de Votuporanga - SP, um intérprete da cidade de São José do Rio Preto - SP ,um intérprete da cidade de Jales - SP , três dos intérpretes entrevistados são participantes da academia de LIBRAS, a primeira escola 100%online de língua de sinais do país, um intérprete de LIBRAS que é dono da página mãos que contam /curso de LIBRAS e serviço de interpretação e um intérprete que é dono da página, o mundo das mãos LIBRAS. Onde a contribuição desses profissionais que atuam nesta área a mais de 5 anos foi fundamental para a nossa pesquisa.

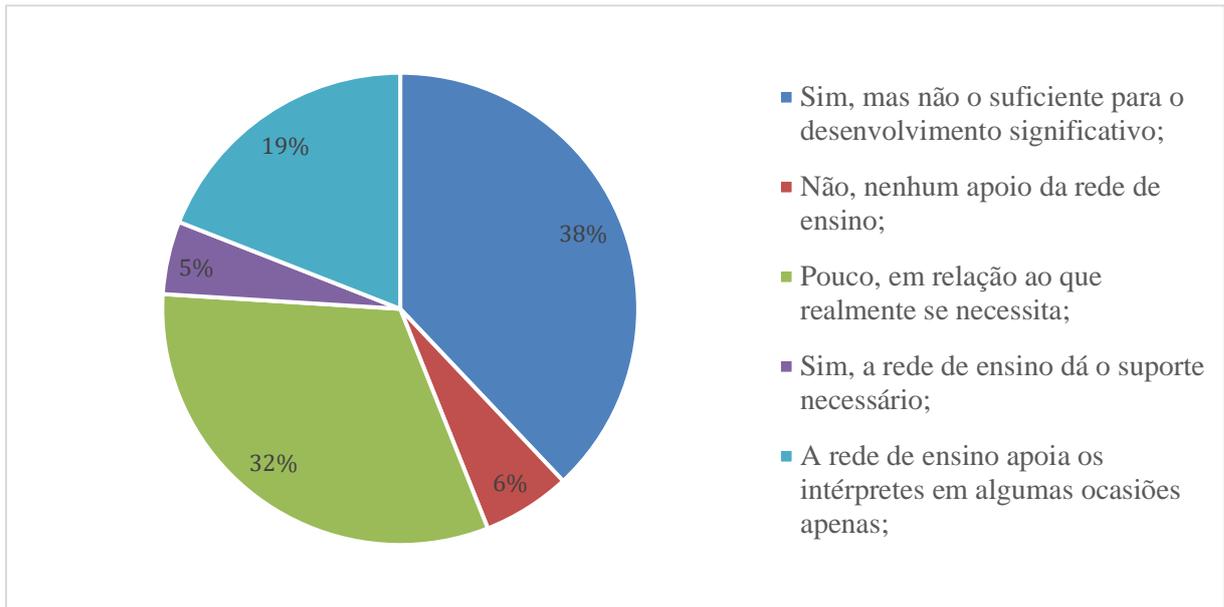
A contribuição dos estudantes surdos, assim como dos intérpretes foi de grande importância, aproveitamento e de muita aprendizagem. Ao todo foram entrevistados 16 estudantes. seis desses estudantes frequentam a" A Associação de Pais e Amigos de Deficientes Auditivos", cinco desses estudantes são de escolas públicas e privadas da cidade de Fernandópolis - SP, três dos estudantes são da escola privada da cidade de São José do Rio Preto - SP, e dois estudantes frequenta a academia de LIBRAS.

Com a realização da pesquisa será apresentado gráficos com os resultados de cada uma delas, todos com legendas para melhor visualização. Em seguida esses resultados serão discutidos e elaborado uma conclusão, onde será defendido oralmente para uma banca examinadora.

7- RESULTADOS E DISCUSSÕES

7.1- Questionário aos intérpretes

Gráfico 1- O intérprete tem apoio da rede de ensino?



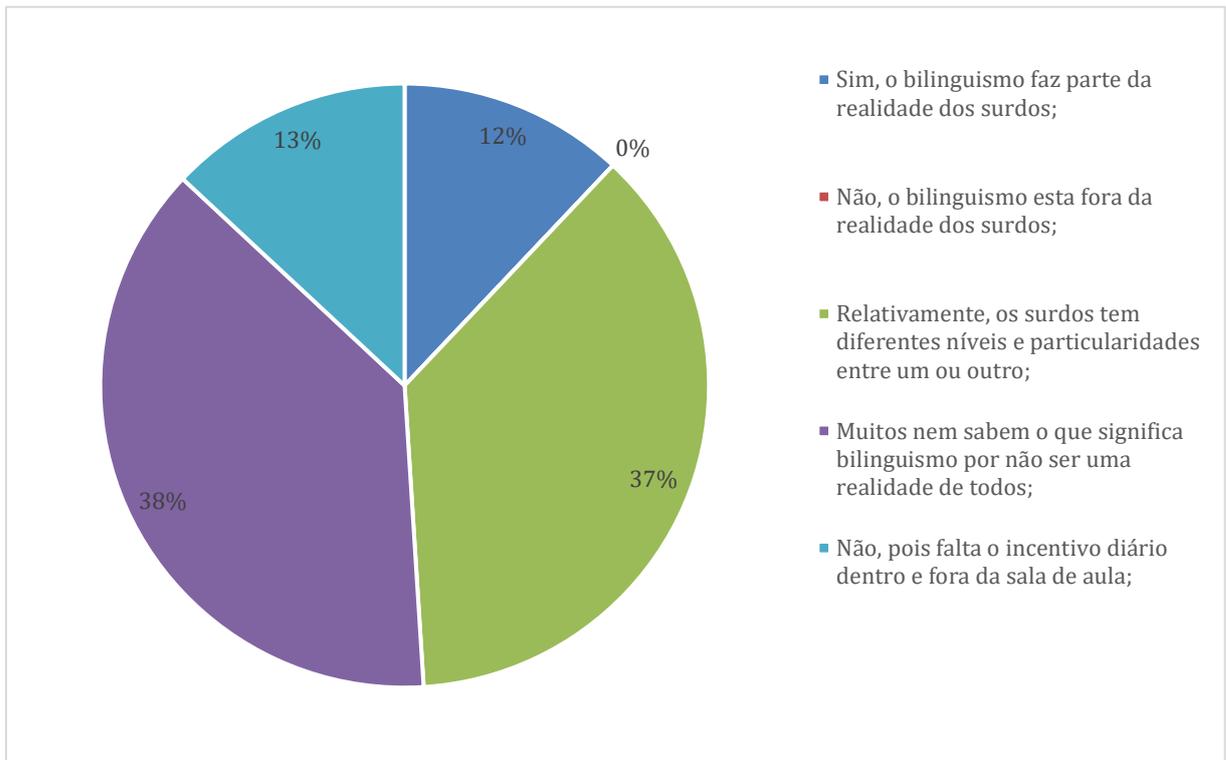
Fonte: dos próprios autores

A informação contida no gráfico é que o intérprete tem apoio da rede de ensino, mas não o suficiente para o desenvolvimento significativo onde 38% dos entrevistados concordam e 32% já pensa que o intérprete tem pouco apoio em relação ao que necessita realmente. 19% acham que o apoio vem somente em algumas ocasiões. E 5% falam que tem o apoio necessário, mas 6% discordam dizendo que não há apoio nenhum do ensino.

A maior dificuldade está em conceder uma cultura de cooperação entre alunos surdos e ouvintes e que professores e especialistas que auxiliam na atividade escolar designam uma equipe com tempo reservado para organização de atividades, trabalhando exclusivamente numa ação efetiva de ideias para as atividades que atendam às necessidades de todos os estudantes. Outro ponto abordado é a necessidade de benefícios aos membros da comunidade surda na escola, apoiando o desenvolvimento de aspectos da identidade surda dessas crianças. (LACERDA, 2006, p. 166-167)

Observa-se por meio dos resultados obtidos na pesquisa e também de acordo com o autor Lacerda (2006) que existe uma dificuldade para se conceder uma cultura de cooperação entre os alunos surdos e que há uma necessidade de fornecer benefícios aos membros da comunidade surda na escola, assim facilita o desenvolvimento da identidade das crianças surdas.

Gráfico 2- O bilinguismo faz parte da realidade da maioria dos surdos?



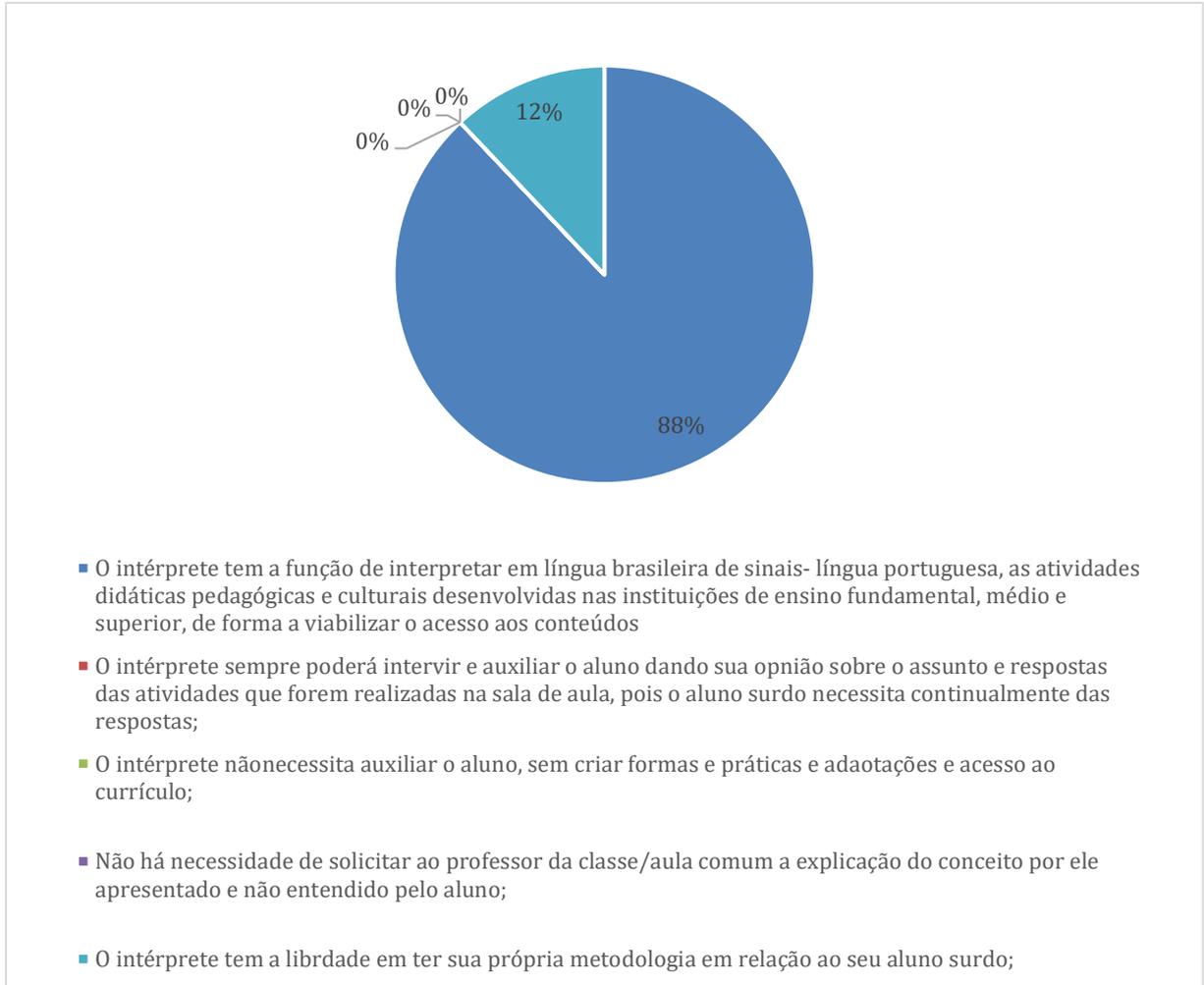
Fonte: dos próprios autores

A informação contida no gráfico é que o bilinguismo não é uma realidade da maioria dos surdos, sendo que 38%, e 37% acham que o bilinguismo é relativamente uma realidade. Os outros resultados que totalizam em cerca de 25% têm pensamentos distintos; como que o bilinguismo faz parte e outros que já não concordam com esta realidade.

Pensar em educação de surdos é considerar ainda uma educação que se constitua bilíngue por meio da aprendizagem do português em sua modalidade escrita. Para a construção deste processo, a aprendizagem dos alunos deve partir da vivência da Libras e dos conhecimentos construídos por intermédio desta língua; além disso, a “nova língua” precisa ser vivenciada em sua forma viva, entrar em diálogo com a Libras considerando sua dinâmica dialógica e interdiscursiva, a fim de que os processos socioculturais, históricos e ideológicos que lhes são constitutivos possam ser (re)significados. (LODI,2021,p. 325)

Nota -se que através das repostas deste gráfico e dos dizeres do autor Lodi (2021), que a aprendizagem dos alunos deve ocorrer a partir da sua vivência da Libras e dos conhecimentos adquiridos a partir da prática da língua.

Gráfico 3 - É correto afirmar que o intérprete poderá auxiliar na resolução de exercícios, bem como assumir tarefas ou emitir opiniões no sentido de ajudar estudante surdo a ter mais de uma opinião sobre o assunto abordado. Pode também tirar as dúvidas do aluno, principalmente se ele já souber a resposta, assim não precisando se remeter ao professor.



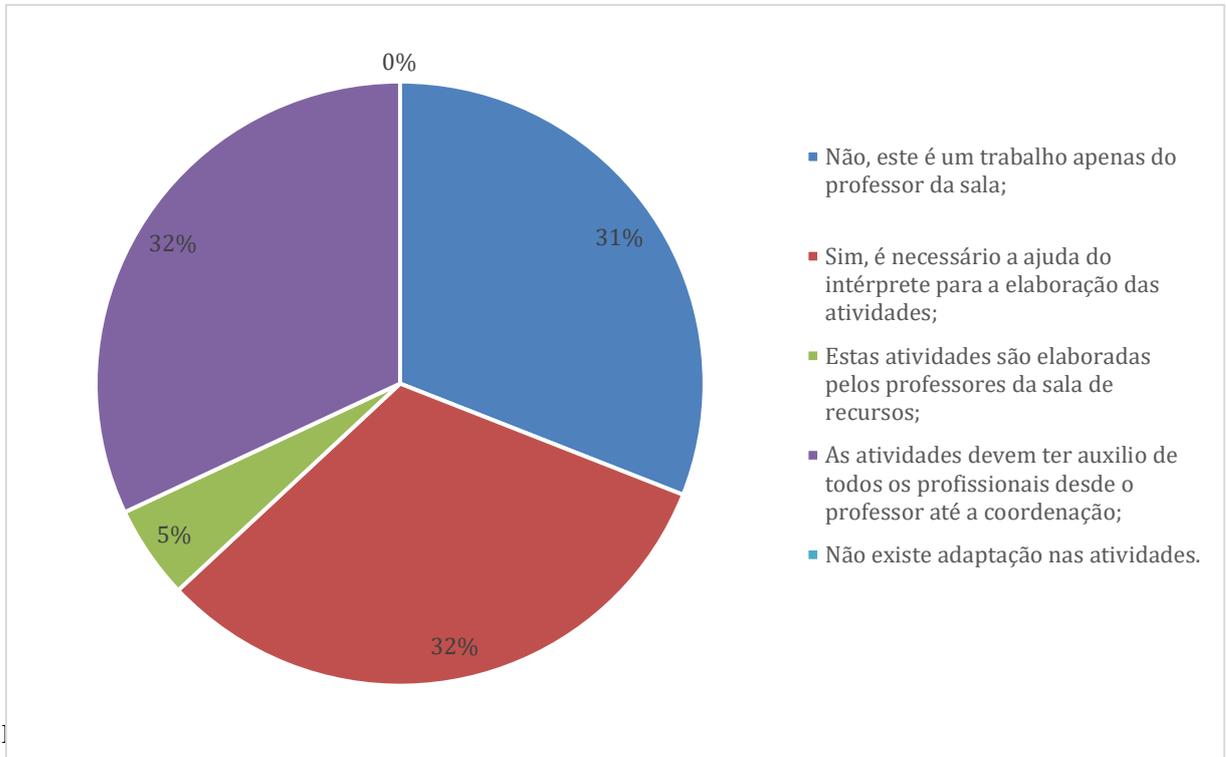
Fonte: dos próprios autores

A informação contida no gráfico é que 88% dos intérpretes têm a função de interpretar em língua de sinais. E que 12% dos intérpretes têm a liberdade em ter sua própria metodologia.

O intérprete precisa poder negociar conteúdos com o professor, revelar suas dúvidas, as questões do aprendiz e por vezes mediar a relação com o aluno, para que o conhecimento que se almeja seja construído. O incômodo do professor frente a presença do intérprete pode levá-lo a ignorar o aluno surdo, atribuindo ao intérprete o sucesso ou insucesso desse aluno. (LACERDA 2006, p.123)

Observa-se que de acordo com o gráfico e com o autor Lacerda (2006), que é verdadeiro que o intérprete em LIBRAS negocie conteúdos diretamente com o professor, pois isso é importante para mediar a relação com o aluno e buscar a construção do seu conhecimento.

Gráfico 4- O profissional da educação e o intérprete de LIBRAS, deve trabalhar juntos em concordância montando atividades que mais se adequam ao estudante surdo?

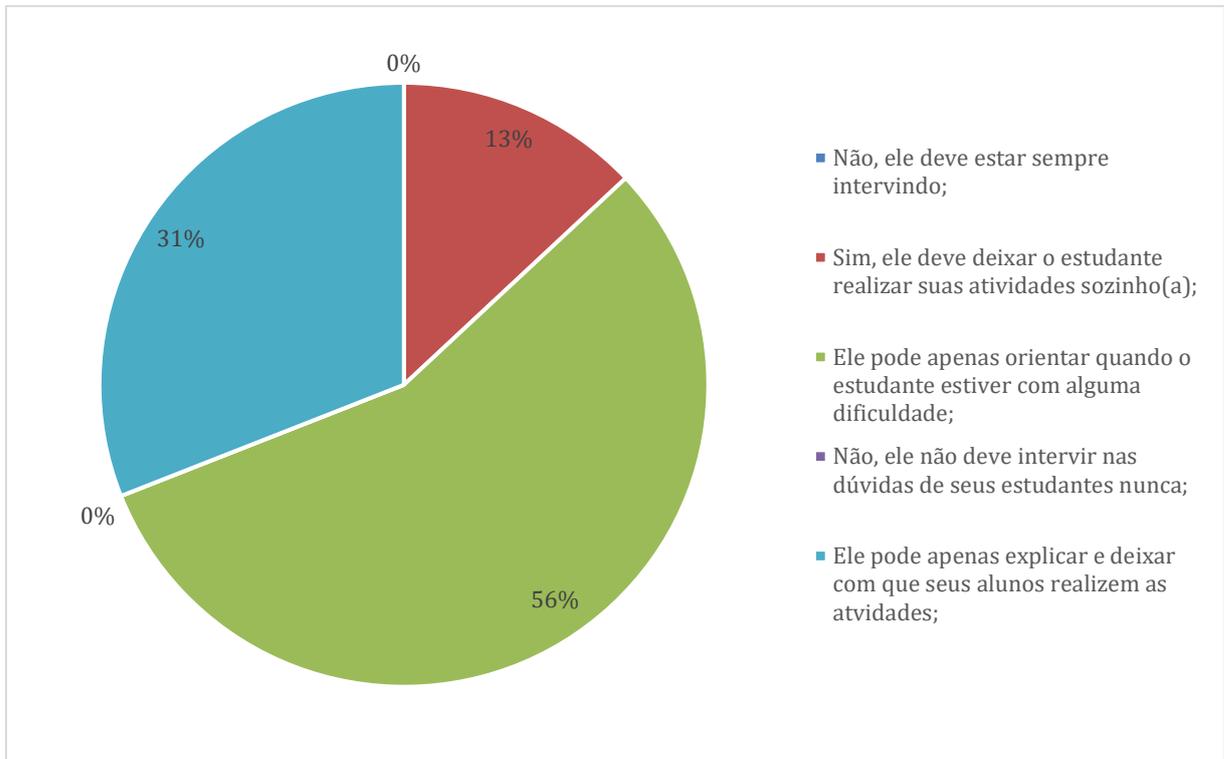


De acordo com o gráfico 4, observa-se que diante e pergunta feita aos intérpretes, 32% dos entrevistados dizem que as atividades devem ter auxílio de todos dos profissionais, 32% diz ser necessário a ajuda do interprete para a elaboração das atividades, 31 % diz que apenas o professor da sala deve ter este trabalho e 5% diz que as atividades devem ser elaboradas pelos professores da sala de recursos.

Segundo Quadros (2004), vale salientar que, para isso acontecer, o intérprete deve ter responsabilidade e diálogo aberto com os professores, além de humildade para assumir o que não entendeu.

Observa-se através das respostas do gráfico 4 do questionário aplicado aos intérpretes e de acordo com o autor Quadros (2004), que o interprete deve ter uma responsabilidade e conversar com os professores para sanar o que não entendeu.

Gráfico 5 -O intérprete precisa mostrar imparcialidade no conteúdo, sem interferência de opiniões, estabelecendo limites no desenvolvimento de interpretação, respeitando o espaço e o tempo do estudante?



Fonte: dos próprios autores

O gráfico mostra que 56% dos intérpretes entrevistados acredita que eles apenas podem orientar o estudante quando estiver com alguma dificuldade, já 31% acreditam que eles apenas devem explicar e deixar com que os alunos realizem as atividades e o restante que são 13% acreditam que eles devem deixar os estudantes realizarem as atividades sozinhos.

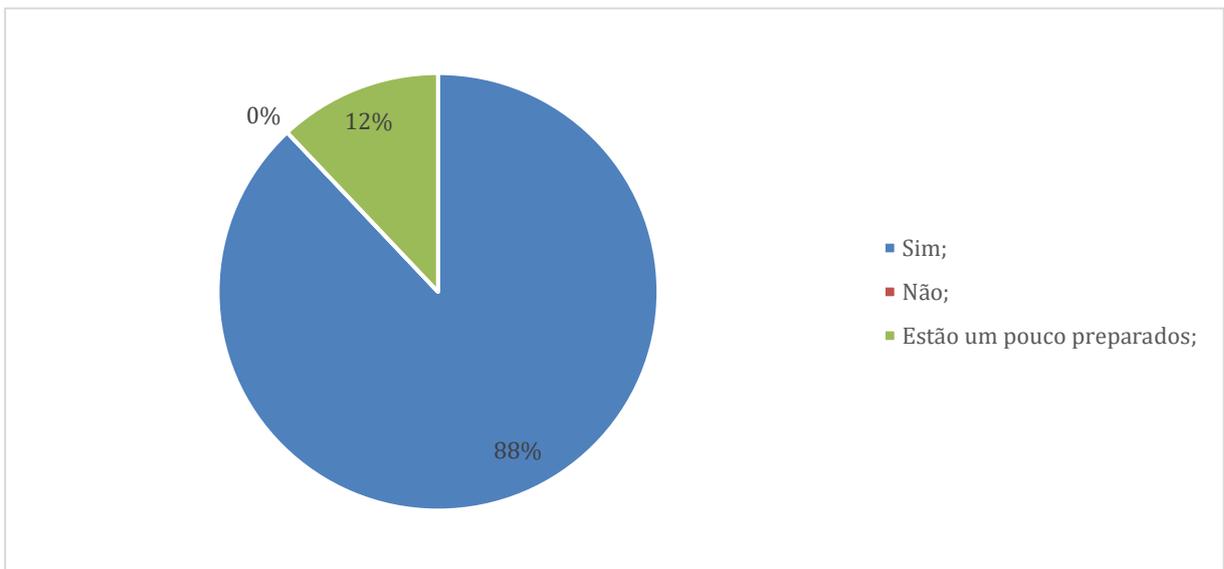
Em qualquer sala de aula, o professor é a figura que tem autoridade absoluta; Considerando as questões éticas, os intérpretes devem manter-se neutros e garantirem o direito dos alunos de manter as informações confidenciais; Os intérpretes têm o direito de serem auxiliados pelo professor através da revisão e preparação das aulas que garantem a qualidade da sua atuação durante as aulas; As aulas devem prever intervalos que garantem ao intérprete descansar, pois isso garantirá uma melhor performance e evitará problemas de saúde para o intérprete; Deve-se também considerar que o intérprete é apenas um dos elementos que garantirá a acessibilidade. (BRASIL, 2004, p. 29)

Observa-se que de acordo com os resultados obtidos através da aplicação do questionário e também da opinião do autor Brasil (2004), que é evidente que o intérprete de

libras deve apenas orientar o aluno, ele deve manter-se neutro e deixar que o professor ajude os alunos nas atividades.

7.2 – Questionário aos alunos

Gráfico 1 - Você acredita que os intérpretes de LIBRAS estão bem preparados para a função em sala de aula?



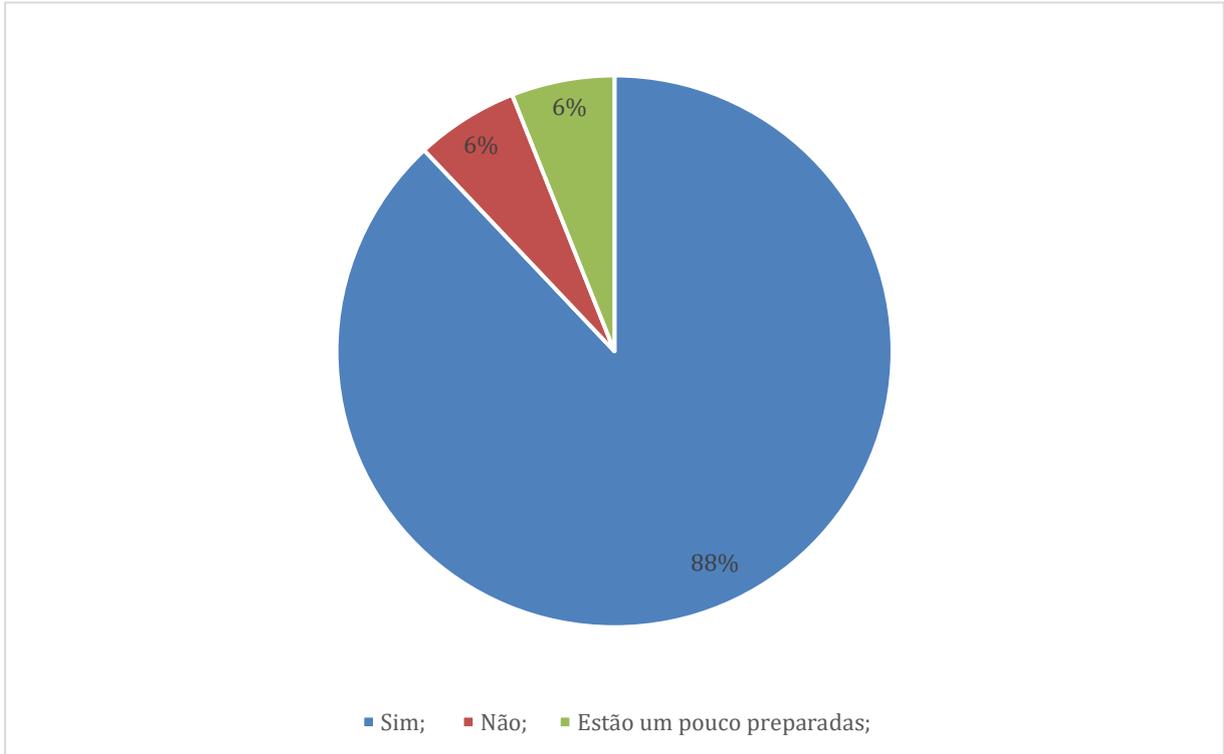
Fonte: dos próprios autores

Neste gráfico apresentado, 88% dos alunos acreditam que os intérpretes de LIBRAS estão bem-preparados para a sua função dentro da sala de aula. E 12% dos alunos acredita que os intérpretes estão pouco preparados.

Todo tradutor intérprete no exercício do seu trabalho deve obrigatoriamente seguir à risca o que está descrito no Regulamento Interno do Departamento Nacional de Intérpretes (FENEIS) onde dispõe a aplicação de 4 capítulos sendo: 1º Princípios Fundamentais; 2ª Relações com o contratante do serviço; 3ª Responsabilidade profissional e 4ª Relações com os colegas. (BRASIL, 2004, p. 36)

Verifica-se por meio dos resultados obtidos e pela análise do autor Brasil (2004), que todo tradutor interprete deve seguir o que está evidenciado no regulamento interno do departamento nacional de interpretes, pois isso o ajudará no seu dia a dia.

Gráfico 2 - As escolas estão preparadas para atender com qualidade e eficiência os alunos surdos no ambiente escolar?



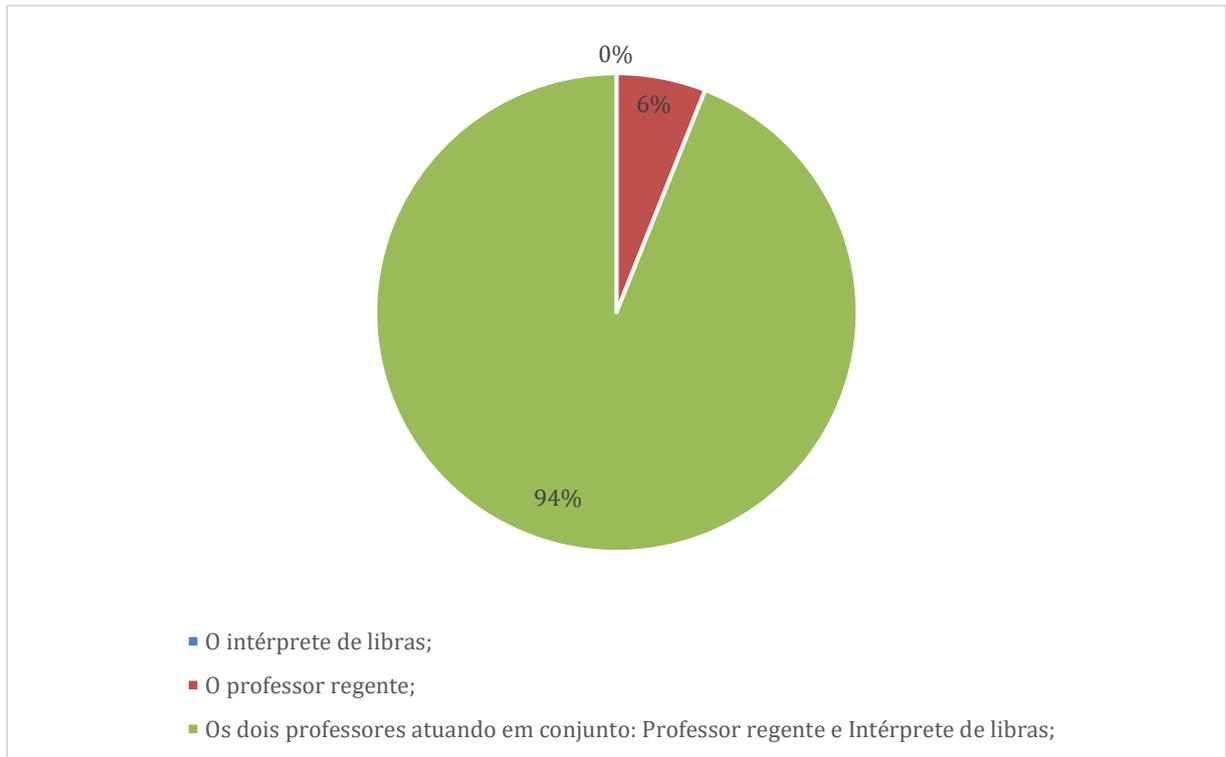
Fonte: dos próprios autores

Encontra-se no gráfico que 88% dizem que as escolas estão preparadas para atender com qualidade e eficiência aos alunos surdos. E 6% acham que as escolas não estão preparadas e outros 6% não estão preparadas totalmente.

Uma alternativa de trabalho que envolve a cooperação entre o professor de ensino comum e um do ensino especial, os quais atuam juntos na mesma classe, quando há presença de um ou mais alunos com necessidades educacionais especiais que demandam atenção diferenciada. (MARIN; BRAUN, 2013, p. 53)

Observa-se através dos resultados obtidos com essa pergunta e por meio do que diz o autor Marin, Braun (2013), que quando há a presença de um ou mais alunos com necessidades educacionais dentro de uma sala de aula deve -se haver cooperação entre o professor e o intérprete.

Gráfico 3 - Em sala de aula quem é o responsável efetivo pelo ensino do aluno surdo?



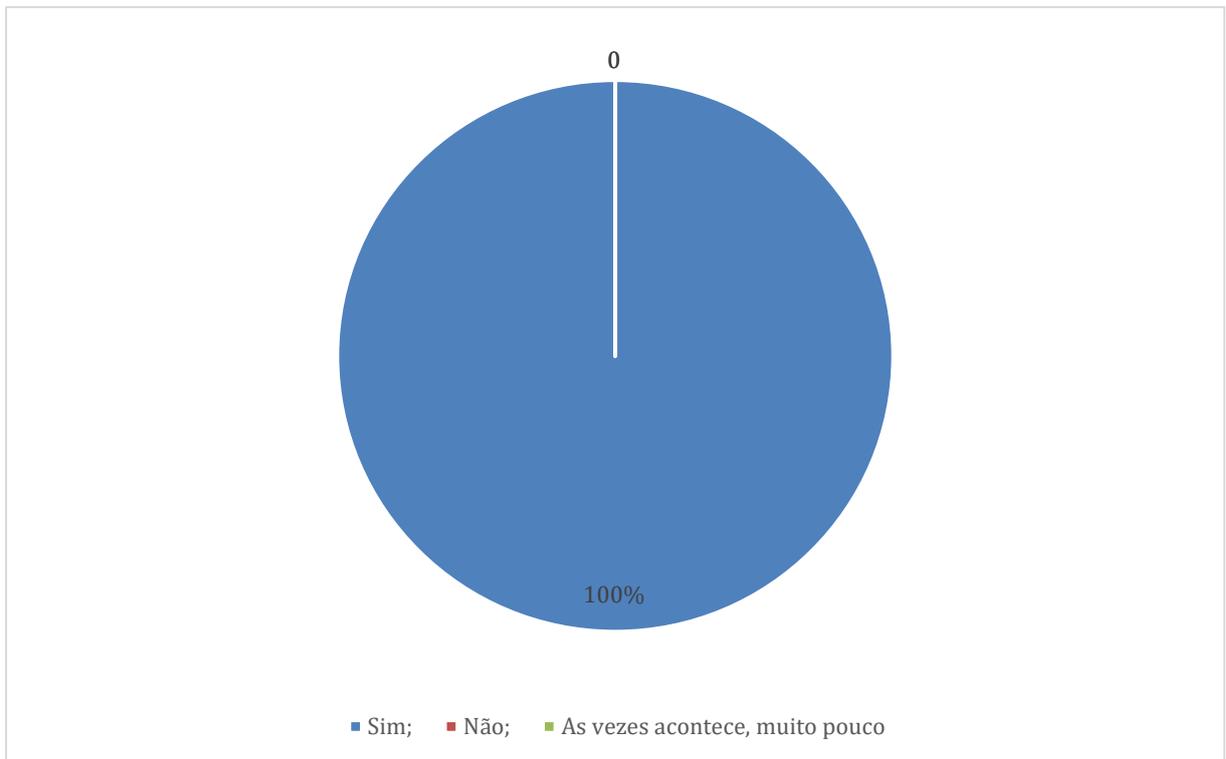
Fonte: dos próprios autores

O gráfico apresenta que 94% dos alunos concordam que os profissionais devem trabalhar em conjunto na sala de aula com o surdo. E 6% acham que o responsável em sala de aula é somente o professor regente.

As aulas são elaboradas pelo professor, e o intérprete pode opinar sugerindo atividades e/ou trabalhos que possam facilitar a compreensão do assunto em questão para o(a) aluno(a) surdo(a). A parceria entre o professor e o intérprete promove o aumento do desempenho do(a) aluno(a) surdo(a). Se o professor tiver noções básicas da Libras, promoverá ainda mais o processo de inclusão. (QUADROS, 2004. p. 94)

Nota - se por meio do gráfico e dos dizeres do autor Quadros (2004), as aulas que são feitas pelo professor podem ser opinadas pelo intérprete, onde o mesmo pode sugerir trabalhos ou atividades extracurriculares que possam ajudar os alunos na compreensão do assunto discutido, essa parceria promove um aumento no desempenho do aluno surdo e o auxilia no seu processo de aprendizagem escolar.

Gráfico 4 - O intérprete de LIBRAS tem sido um programador e influenciador da importância da LIBRAS para todos os alunos, professores e comunidade escolar?



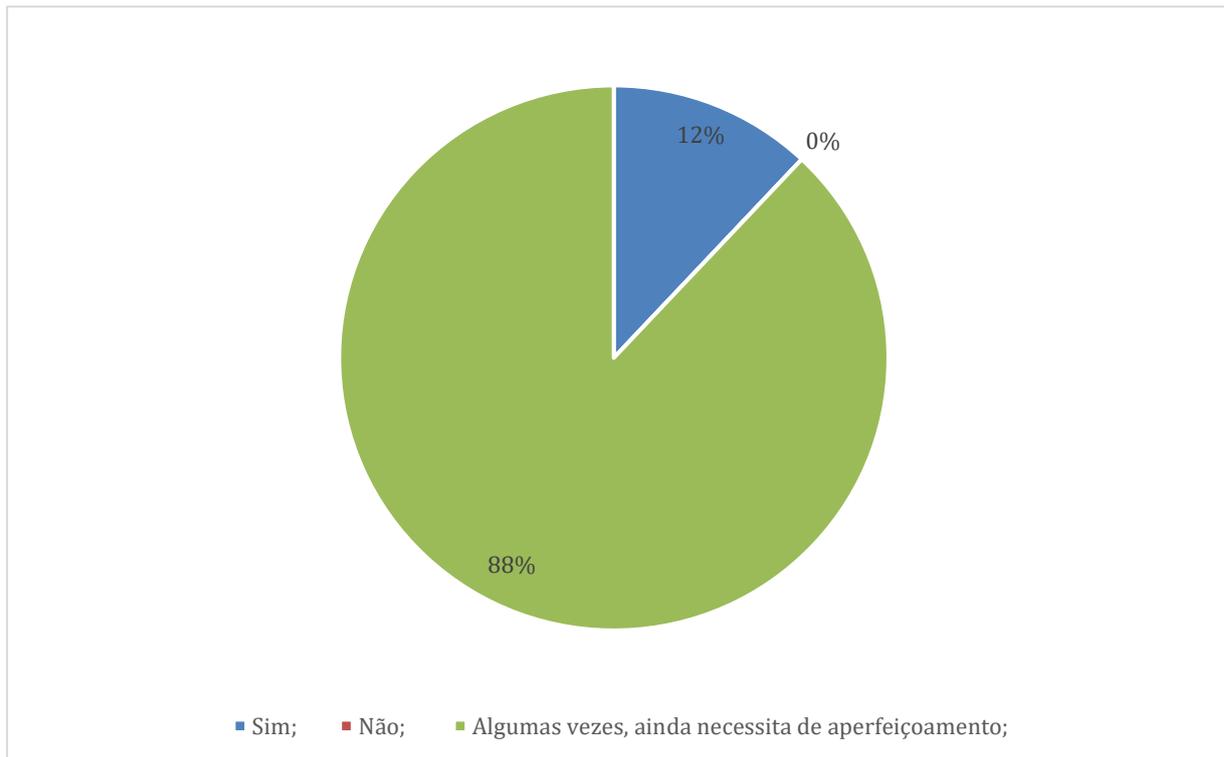
Fonte: dos próprios autores

A informação contida no gráfico mostra que 100% dos alunos entrevistados concordam que o intérprete de LIBRAS é uma figura importante na comunidade escolar.

Observa-se que as intérpretes assumem diversas funções inclusive de motivadoras de alunos, para além da tarefa específica de interpretar. Não se trata de ocupar o papel do professor, mas nas relações próximas às crianças surdas é difícil pensar que elas não se sintam (também) responsáveis por bons resultados em sua aprendizagem. (LACERDA, 2009, p. 52)

Verifica-se por meio dos resultados obtidos através dessa pergunta feita aos alunos e também por meio dos dizeres do autor Lacerda (2009), que o intérprete é muito importante na escola, pois motiva os alunos no seu aprendizado e pelos bons resultados obtidos neste processo.

Gráfico 5 - As políticas de inclusão têm sido eficazes para o atendimento aos alunos surdos nos ambientes escolares?



Fonte: dos próprios autores

O gráfico mostra que 88% dos alunos entrevistados, acreditam que algumas vezes, ainda precisa de aperfeiçoamento, já 12% acham que sim.

Algumas pesquisas começam a despertar no Brasil, apresentando resultados sobre as funções deste profissional no espaço escolar e o que tem sido reportado é que, apesar do intérprete romper uma barreira comunicativa na rede regular de ensino, as questões metodológicas deixam a desejar, ignorando aspectos culturais e sociais que fazem parte do processo educacional, deixando, muitas vezes, a criança surda à margem da escola. (QUADROS, 2006, p. 144)

Nota - se que de acordo com os resultados obtidos e com a opinião do autor Quadros (2006), que é verdade que ainda é necessário um aperfeiçoamento a inclusão dos alunos surdos na rede regular de ensino, que muitas vezes os alunos surdos ficam à margem da escola.

8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intérprete de LIBRAS deve sempre respeitar o contexto escolar ao qual está inserido e ter discernimento de todas as suas funções e compromissos.

A presença do intérprete de LIBRAS em sala de aula possui uma extrema importância, pois não é possível incluir um aluno surdo em uma sala de aula regular sem a presença do intérprete, ele é o único que pode fazer a comunicação com os professores. A comunidade escolar, portanto, deve se envolver no processo, garantindo a efetividade da inclusão.

Por meio do presente trabalho e do questionário desenvolvido para os intérpretes de LIBRAS e estudantes pode-se observar que a inclusão escolar deve atender os alunos surdos de acordo com suas limitações e particularidades e que o intérprete deve ser aquele que transmite ao aluno o conteúdo que o professor passa em sala de aula, e não deve ser ele o que ensina mais sim o professor.

Se faz necessário políticas públicas cada vez mais abrangente se que o sistema de educação disponibilize para as escolas recursos necessários ao processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo.

Por fim, o papel do intérprete de LIBRAS dentro de uma escola será o de auxiliar o aluno na sua construção pessoal, sem ter a preocupação em definir o nível de capacitação de cada um, e mantê-los sempre informados e aptos o suficiente para desenvolver ele próprio seu trabalho com o aluno.

9 - REFERÊNCIAS

AMARO, DeiglesGiacomelli, **Educação Inclusiva: aprendizagem e cotidiano escolar**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2006.

BARBOSA Junior. **A função do tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais - Libras: âmbitos de atuação e o intérprete educacional**. PROFT em Revista, São Paulo, v. 1, nº 1, out. 2011.

BRASIL, **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa** / Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília: MEC; SEESP, 2004.

CABRAL, Rodrigo Maciel; CÓRDULA, Eduardo Brandão de Lucena. **Os desafios no processo de alfabetização de surdos**. Revista Educação Pública, Cecierj, Rio de Janeiro, v. 17, nº 5, 2017.

CRESWELL, John. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Porto Alegre, RS: Penso, 2014.

FERNANDES, Sueli. **Educação de surdos**. 2. ed. Curitiba: Ibpex, 2005.

JUSBRASIL. **Artigo 22 do Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10888445/artigo-22-do-decreto-n-5626-de-22-de-dezembro-de-2005>. Acesso em: 17 de out 2023.

LACERDA, Cristina. B. Feitosa de. **A prática pedagógica mediada (também) pela Língua de Sinais: trabalhando com sujeitos surdos**. Caderno CEDES, Unicamp, Campinas, ano XX, nº 50, 2000.

_____ **A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago. 2006.

_____ **Intérprete de libras: Em atuação na educação infantil e no ensino fundamental**. 3ª Edição. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009.

_____ **Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos**. In: Coleção UAB – UFSCar. Língua de Sinais Brasileira: uma introdução. São Carlos: Departamento de Produção Gráfica da UFSCar, 2011.

LODI, Ana Claudia. **Educação em língua brasileira de sinais: um direito dos Surdos a ser assegurado**. Universidade de São Paulo, 2021.

MARIN, Márcia.; BRAUN, P. **Ensino colaborativo como pratica de inclusão escolar.** In: PLETSCHE; GLAT, Rosana. Estratégias educacionais diferenciadas para alunos com necessidades especiais. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 49- 64.

NASCIMENTO, Henrique. **Educação de Surdos: Entenda os Desafios no Brasil.** Brasil. 2018.

OLIVEIRA, Luciana Figueiredo.; LIMA, IvonaldoLeidson Barbosa. **As concepções da surdez na voz dos intérpretes de LIBRAS.** Revista Educação Especial, 32, e96/ 1-21, 2019, Santa Maria – RS. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/38515/pdf>. Acesso em 15 março 2023.

QUADROS, Ronice Müller de. **O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e língua portuguesa.** Brasília: MEC/SEESP, 2004.

_____. **Educação de Surdos: A aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

ROSS, Alf. **Sobre el derecho y la justicia.** Trad. de Genaro R. Carrio. Buenos Aires: EUDEBA, 2000.

ROSA, Andrea da Silva. **Entre a visibilidade da tradução de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete.** Campinas: Arara Azul, 2005.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e Linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas.** São Paulo: Plexus, 2007.

STREIECHEN, ElizianeManosso. **Língua Brasileira de Sinais: LIBRAS;** ilustrado por Sérgio Streiechen. Guarapuava: UNICENTRO, 2012.

SILVA, Carine Mendes da.; SILVA, Daniele Nunes Henrique. **Libras na educação de surdos: o que dizem os profissionais da escola?** Revista Brasileira do Ensino de Física, vol.20 - Brasília, 2016. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/pee/v20n1/2175-3539-pee-20-01-00033.pdf>. Acesso em 15 março 2023.

SCHUBERT, Silvana Elisa De Moraes. **Limites e possibilidades da educação bilíngue para surdos no contexto das políticas de inclusão (1990- 2017): implicações à formação de professores.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba, 2017.

SOUZA, Maria Fernanda Neves Silveira de et al. **Principais dificuldades e obstáculos enfrentados pela comunidade surda no acesso à saúde: uma revisão integrativa de literatura.** Revista Cefac. p. 11, maio/jun. 2017.

VARGAS, Jaqueline Santos. **A inclusão do deficiente auditivo em escolas públicas de Campo Grande: as visões do professor, coordenador, intérprete e do aluno.** Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)-Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2011.

VIEIRA, Claudia Regina. **Bilinguismo e inclusão: problematizando a questão.** Curitiba: Appris, 2014.

10. APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ENVIADO AOS INTÉRPRETES

1- O intérprete tem o apoio da rede de ensino?

- (a) Sim, mas não o suficiente para o desenvolvimento significativo;
- (b) Não, nenhum apoio da rede de ensino;
- (c) Pouco, em relação ao que realmente se necessita;
- (d) Sim, a rede de ensino dá o suporte necessário;
- (e) A rede de ensino apoia os intérpretes em algumas ocasiões apenas.

2- O bilinguismo é uma realidade da maioria dos surdos?

- (a) Sim, o bilinguismo faz parte da realidade dos surdos;
- (b) Não, o bilinguismo está fora da realidade dos surdos;
- (c) Relativamente, os surdos tem diferentes níveis e particularidades entre um ou outro;
- (d) Muitos nem sabem o que significa bilinguismo por não ser e uma realidade de todos;
- (e) Não, pois falta o incentivo diário dentro e fora da sala de aula;

3- É correto afirmar que o intérprete poderá auxiliar na resolução de exercícios, bem como assumir tarefas ou emitir opiniões no sentido de ajudar o estudante surdo a ter mais de uma opinião sobre o assunto abordado. Pode também tirar as dúvidas do aluno, principalmente se ele já souber a resposta, assim não precisando se remeter ao professor.

- (a) O intérprete tem a função de interpretar em língua brasileira de sinais- língua portuguesa, as atividades didáticas pedagógicas e culturais desenvolvidas nas instituições de ensino nos níveis fundamental, médio e superior, de forma a viabilizar o acesso aos conteúdos;
- (b) O intérprete sempre poderá intervir e auxiliar o aluno dando sua opinião sobre o assunto e respostas das atividades que forem realizadas na sala de aula, pois o aluno surdo necessita continuamente das respostas;
- (c) O intérprete não necessita auxiliar o aluno, sem criar formas e práticas e adaptações de acesso ao currículo;
- (d) Não há necessidade de solicitar ao professor da classe/aula comum a explicação do conceito por ele apresentado e não entendido pelo aluno;
- (e) O intérprete tem a liberdade em ter sua própria metodologia em relação ao seu aluno surdo;

4- O profissional da educação e o intérprete de libras, deve trabalhar juntos em concordância montando atividades que mais se adequa ao estudante surdo?

- (a) Não, este é um trabalho apenas do professor da sala;
- (b) Sim, é necessário a ajuda do intérprete para a elaboração das atividades;
- (c) Estas atividades são elaboradas pelos professores da sala de recurso;
- (d) As atividades devem ter o auxílio de todos os profissionais desde o professor até a coordenação;
- (e) Não existe adaptação nas atividades;

5- O intérprete precisa mostrar imparcialidade no conteúdo, sem interferência de opinião, estabelecendo limites no desenvolvimento de interpretação, respeitando o espaço e tempo do estudante?

- (a) Não, ele deve estar sempre intervindo;
- (b) Sim, ele deve deixar o estudante realizar suas atividades sozinho(a);
- (c) Ele pode apenas orientar quando o estudante estiver com alguma dificuldade;
- (d) Não, ele não deve intervir nas dúvidas de seus estudantes nunca;
- (e) Ele pode apenas explicar e deixar com que seus alunos realizem as atividades.

11. APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO ENVIADO AOS ALUNOS

- 1- Você acredita que os intérpretes de libras estão bem preparados para a função em sala de aula?
- Sim
- Não
- Estão um pouco preparadas.
- 2- As escolas estão preparadas para atender com qualidade e eficiência os alunos surdos no ambiente escolar?
- Sim;
- Não;
- Estão um pouco preparadas.
- 3- Em sala de aula quem é o responsável efetivo pelo ensino do aluno surdo?
- O intérprete de libras;
- O professor Regente;
- Os dois profissionais atuando em conjunto: Professor regente e Intérprete de libras.
- 4- O intérprete de libras tem sido um propagador e influenciador da importância de Libras para todos os alunos, professores e comunidade escolar?
- Sim;
- Não;
- As vezes isso acontece, muito pouco
- 5- As políticas de inclusão têm sido eficazes para o atendimento aos alunos surdos nos ambientes escolares?
- Sim;
- Não;
- Algumas vezes, ainda necessita de aperfeiçoamento.